

28 de Fevereiro de 2025
NOVA-FCSH
Campus Avenida de Berna
Sala B301

VI JORNADA

MÚSICA, MEDIA E PÚBLICOS

em Portugal - 1974 à atualidade

LIVRO DE RESUMOS

Organização: SociMus, CESEM, Projeto “Música, Media e Públicos em Portugal de 1974 à atualidade”

Comissão organizadora: João Figueiredo Costa (coord.), Ângela Flores Baltazar, Marta Pereira, Rafaela Jordan, Sara Maia

Comissão científica: Paula Gomes-Ribeiro (coord.), André Malhado, Mariana Calado

28 de Fevereiro

09h40 - Sessão de abertura

10h00 - Da cena independente ao pop global: Impactos musicais e identitários na contemporaneidade

Moderação:
Sofia Vieira Lopes

Eduardo Spínola Eça

Música independente e a era digital: A experiência dos artistas a solo de rock *indie* em Lisboa, na segunda década do século XXI

Luís Candeias Mandacaru

O DJ em Portugal: Breve perfil histórico desde a sua origem na segunda metade do séc. XX à atualidade

Simão Lopes Quinta

Notas sobre a receção na imprensa da vinda a Lisboa de Taylor Swift

Rita Santos

Descentralização cultural e a dinamização da música experimental nos territórios rurais portugueses: O estudo de caso do *Space Festival*

Pausa

12h00 - Do analógico ao digital: Mudanças na produção e difusão musical

Moderação:
Rui Magno Pinto

Ângela Flores Baltazar

«Melomania»: Formas de ouvir, ver e pensar

Marta Rodrigues Pereira

aLIVE – o fenómeno das transmissões em direto de concertos ao vivo da Fundação Calouste Gulbenkian

André Malhado

Dos marcadores de género à representatividade LGBTQIA+: Reflexões sobre os hábitos de consumo musical em Portugal

Almoço

15h00 - (Re)construindo repertórios: Criação e circulação de música

Sara Maia

Entre o teatro e o cinema: A música de José Mário Branco no início da democracia portuguesa (1974-1982)

Maria Inês Pires

Orientações artísticas dos agrupamentos musicais dedicados ao repertório contemporâneo ativos em Portugal no início do século XXI: Critérios de escolha e perfis do repertório

João Figueiredo Costa

Estarão as óperas dos últimos 100 anos fadadas à ausência de público? Um estudo de quatro instituições/associações lisboetas (2011-2024)

Moderação:
Mariana Calado

Pausa

16h30 - (Mesa redonda) Instituições musicais em Portugal: Que presente, que futuro?

Ângela Flores Baltazar, João Figueiredo Costa, Paula Gomes-Ribeiro (mod.), Rui Magno Pinto

17h30 - Sessão de encerramento



COMUNICAÇÕES

Música independente e a era digital: A experiência dos artistas a solo de rock *indie* em Lisboa, na segunda década do século XXI.

Eduardo Spínola Eça

dudaspinola@gmail.com

A história da música e do rock estão profundamente conectadas, com ambos atingindo o auge ao longo de décadas. Inicialmente, o mercado era dominado por grandes editoras, que controlavam as regras e definiam conceitos artísticos (Frith et al., 2001). O rock destacou-se como um dos géneros mais influentes nesse cenário. No entanto, a partir do final dos anos 1990, a internet e as plataformas de partilha de ficheiros revolucionaram o mercado, levando ao aumento da pirataria e enfraquecendo o domínio das *majors* (Nakano, 2010). Isto abriu espaço para a cena *indie*, onde artistas independentes ganharam destaque, passando a gestores das próprias carreiras, sobretudo, no âmbito digital (El Gamal, 2012). A pesquisa busca explorar o mercado *indie* de rock em Lisboa, investigando a trajetória de músicos a solo, apontados pelos media como uma nova tendência no mercado musical em constante transformação (Bargueño, 2021). O trabalho enquadra-se na metodologia qualitativa, por trabalhar com o sujeito e o mundo real, e na subjetividade que não pode ser traduzida em números (Da Silva & Menezes, 2001). No que concerne à recolha de dados, para além dos dados colhidos na internet ou fornecidos pelos próprios artistas, através dos quais chegamos com a amostragem bola de neve, optamos por entrevistas bibliográficas e individuais, semiestruturadas, por ajudar-nos a perceber os valores e atitudes dos indivíduos (Ramalho, 2007). Escolhemos, ademais, debruçarmo-nos sobre as histórias de vida dos artistas, uma vez que as suas próprias narrativas, ajudam-nos a construir e perceber as suas trajetórias.

PALAVRAS-CHAVE

música; digital; artista; independente

Formação: Bacharel em Língua Estrangeira Moderna (Universidade Federal da Bahia – Brasil). Pós-graduado em Ensino de Língua Inglesa (UniDomBosco – Brasil). Mestre em Comunicação Aplicada (Universidade Autónoma de Lisboa). Doutorando em Comunicação (Universidade Autónoma de Lisboa). Atuo como professor de língua inglesa, desde 2004

O DJ em Portugal: Breve perfil histórico desde a sua origem na segunda metade do séc. XX à atualidade

Luís Candeias Mandacaru

mandacaruluis@gmail.com

A presente comunicação surge na senda da escrita do artigo *A História do DJing em Portugal* para o projeto *História Temática da Música em Portugal e no Brasil*, inserido no CESEM, projeto de investigação que pretende lançar as bases para a constituição da atividade de DJ e da

música eletrónica de dança em território português desde, essencialmente, os anos sessenta do séc. XX até à atualidade, procurando descortinar as diferentes orientações que o meio cultural português terá adotado consoante as diferentes épocas e geografias, com relances a perspetivas de teor estético, tecnológico e sociológico.

A apresentação tem como base um levantamento de dados realizado a partir da imprensa geral e especializada com o complemento de entrevistas de carácter semiestruturado a DJ's do panorama português. O projeto procura alinhar-se com a perspetiva histórica já existente sobre o disc-jockey em âmbito global através do trabalho de Brewster e Broughton (2013).

PALAVRAS-CHAVE

DJ; música eletrónica de dança; Lisboa; história

Luís Mandacaru é doutorando em Musicologia Histórica e Colaborador do CESEM. A sua área de investigação é a Música Eletrónica de Dança, tendo se empenhado em traçar uma história da atividade em Portugal e em explorar a prática do ponto de vista teórico.

É igualmente DJ, produtor e compositor musical, membro fundador do coletivo Markize e diretor criativo da editora fonográfica que dá pelo mesmo nome.

Notas sobre a receção na imprensa à vinda a Lisboa de Taylor Swift

Simão Lopes Quinta

a2022128704@campus.fcsh.unl.pt

Esta apresentação foca-se na análise de notícias e artigos de opinião publicados nos grandes media digitais referentes ao anúncio da inclusão da cidade de Lisboa na *The Eras Tour*, a sexta digressão realizada pela artista Taylor Swift. Será apresentada uma cronologia dos acontecimentos contemplando três momentos distintos: o anúncio dos concertos, as vendas de bilhetes e os dias que antecederam e precederam ambos os concertos.

PALAVRAS-CHAVE

Taylor Swift; The Eras Tour; imprensa escrita; receção; media

Simão Quinta é estudante do 3.º ano da licenciatura em Ciências Musicais na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Na sua pesquisa concentra-se no âmbito da receção da musical tomando como ponto de partida a informação veiculada pela imprensa escrita nos meios digitais.

Descentralização cultural e a dinamização da música experimental nos territórios rurais portugueses: O estudo de caso do *Space Festival*

Rita Santos

ritasantos_rato@outlook.pt

A crescente mobilidade global e a interconectividade de pessoas, lugares e histórias alargaram os objectos e campos de estudo da etnomusicologia, especialmente no contexto de eventos festivos. Assim, artistas e investigadores encontram a sua convergência na exploração e análise das mudanças culturais e sociais de uma área disciplinar em crescimento. Apresentando como estudo de caso o *Space Festival*, um festival itinerante de música experimental em Portugal, argumento que estes eventos podem destacar-se como estímulos para a interação comunitária e como veículos para a revogação das hierarquias sociais e musicais vigentes, apesar de frequentemente atenderem às expectativas e necessidades do público consumidor. O principal objetivo desta comunicação é discutir e questionar a função dos festivais como instrumentos de reconfiguração social e cultural, essenciais para a mediação intercultural. Partindo desta perspectiva, inquirirei se noções como a inovação artística e a descentralização das práticas musicais podem potenciar a criação de espaços que incentivem a responsabilização e a coesão social. Consequentemente, irei investigar os desafios e as possibilidades da descentralização cultural em Portugal, contribuindo para uma reflexão sobre o surgimento de projetos exploratórios, exteriores aos principais pólos metropolitanos. Para tal, este estudo incide no impacto social, económico e artístico dos festivais nos grupos de pessoas locais, visando apoiar o diálogo intercultural e promovendo o desenvolvimento de formas de expressão artística e cultural heterogéneas.

PALAVRAS-CHAVE

coesão social; descentralização cultural; festivais; música experimental; territórios rurais

Rita Santos é doutoranda em Etnomusicologia na Universidade Nova de Lisboa. Interessa-se por arte sonora, música experimental e ativismo em festivais. Tem um mestrado em Etnomusicologia na mesma instituição e uma licenciatura em Ciência e Tecnologia do Som pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias em Lisboa, Portugal.

«Melomania»: Formas de ouvir, ver e pensar.

Ângela Flores Baltazar

angela**f**baltazar@gmail.com

«Melomania» foi um programa de divulgação musical transmitido pela RTP entre 1977 e 1978, apresentado pelo musicólogo João de Freitas Branco em co-autoria com o cineasta Augusto Cabrita. Desta colaboração, resultava um programa que se destacava pelo seu eclectismo, articulando formas de ouvir música com variados temas da vida quotidiana. Esta interdisciplinaridade era também marcada pelos lugares peculiares que aqui aparecem em filme – como fábricas ou ateliers de artistas –, fomentando a articulação teórica intelectual, que se pretendia ser acessível do grande público. Esta comunicação, que inclui a visualização de excertos de alguns dos episódios de «Melomania», propõe uma análise que tem como ponto de partida a intenção democratizante na concepção deste programa, procurando entender que

mecanismos promovem a acessibilidade entre a música clássica e o público generalista. A televisão, como tecnologia de comunicação em massa e o seu papel na mediação da linguagem comunicativa serão elementos centrais desta análise.

PALAVRAS-CHAVE

comunicação; democratização; divulgação musical; televisão

Ângela Flores Baltazar é doutoranda em Ciências Musicais na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, com uma bolsa de investigação científica financiada pela FCT (2023.05001.BD). Natural de Torres Vedras, iniciou os seus estudos artísticos no Conservatório da Física – Luís António Maldonado Rodrigues. Concluiu a licenciatura em Ciências Musicais em 2018 na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova e em 2023 concluiu o mestrado na mesma instituição. Tem especializado a sua investigação musicológica em temáticas que se inserem no estudo histórico e sociológico da segunda metade do século XX em Portugal, particularmente em democratização, descentralização e distinção cultural.

aLIVE – o fenómeno das transmissões em direto de concertos ao vivo da Fundação Calouste Gulbenkian

Marta Rodrigues Pereira

a2020128740@campus.fcsh.unl.pt

As normas de contingência para a epidemia de COVID-19 levaram à interrupção da programação de concertos nos moldes que o serviço de música da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) conhecia desde o início da sua atividade. Foi através de transmissões *livestream* que o público pôde continuar a usufruir da oferta Gulbenkian Música. Volvidos ca. 5 anos, as transmissões em direto continuam a integrar a programação regular da FCG, complementando a oferta de concertos ao vivo. Na presente comunicação, estabelecerei pontes entre a realidade portuguesa e a realidade estrangeira no âmbito do *streaming* de concertos de música orquestral, tomando por base uma revisão da literatura que permita refletir sobre a discussão do tópico no meio académico. Dedicar-me-ei à caracterização do formato das transmissões em *livestream* realizadas pela FCG, identificarei o peso das mesmas na programação sinfónica regular da instituição nos últimos 5 anos e refletirei sobre o modo como o público se relaciona com o formato no contexto pós-pandémico, tendo em conta o volume de espectadores que interagem com as transmissões bem como as interações promovidas nos seus *chats*.

PALAVRAS-CHAVE

programação; concertos; Fundação Calouste Gulbenkian; transmissões ao vivo; públicos

Marta Rodrigues Pereira é mestranda em Ciências Musicais na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, instituição onde concluiu a licenciatura em 2023. No seu percurso académico tem-se dedicado a investigações centradas na crítica de fontes e na produção e receção musical, nomeadamente, no estudo da oferta concertística na atualidade lisboeta. Teve a oportunidade de colaborar nos projetos «Catálogo do Fundo Musical do Palácio Nacional de Mafra», «Música, Media e Públicos em Portugal de 1974 à atualidade» (CESEM) e de integrar a equipa responsável pela descrição documental de manuscritos das coleções de Música da Biblioteca Nacional de Portugal.

Dos marcadores de género à representatividade LGBTQIA+: Reflexões sobre os hábitos de consumo musical em Portugal

André Malhado

andremalhado@fcsb.unl.pt

Esta comunicação apresenta os resultados preliminares de um estudo sobre como os marcadores de género influenciam o gosto musical e o consumo de vídeos promocionais entre pessoas LGBTQIA+ em Portugal. Adotou-se uma metodologia qualitativa através da elaboração e disponibilização de um inquérito online, de preenchimento anónimo, divulgado em duas plataformas de conteúdos LGBTQIA+ escritos por e para esta comunidade: dezanove.pt e esQuever.pt. Foram consideradas apenas as respostas de participantes que se identificavam com uma identidade de género ou orientação sexual pertencente à sigla LGBTQIA+. A partir de uma amostra de 23 participantes, analisou-se como as dinâmicas de gosto, a procura por representatividade e as reações aos discursos discriminatórios dos artistas afetam os seus hábitos de consumo. O tratamento dos dados permitiu compreender algumas perceções que os inquiridos têm sobre que géneros musicais consideram que estão associados à inclusão ou à exclusão LGBTQIA+, e como a construção sociocultural do «queer na música» influencia as suas interpretações musicais. Este estudo oferece um contributo para a compreensão das relações entre música, representatividade e identidade no contexto contemporâneo português, destacando o papel da cultura musical na promoção da diversidade social.

PALAVRAS-CHAVE

gosto; sexualidade e género; vídeos musicais; receção musical

Musicólogo e investigador no CESEM/IN2Past. Investiga nos domínios da sociologia da música, culturas digitais e audiovisuais, sexualidade e género, com ênfase nas indústrias, profissões, tecnologias sociais e literacias mediáticas, do século XX ao presente. Ao longo da sua formação venceu vários prémios, entre eles uma bolsa de mérito conferida pela DGES. No doutoramento, financiado pela FCT, estudou a ficção audiovisual europeia do século XXI, focando-se na relevância cultural da música para a representação de IA e ciborgues em diferentes plataformas e formatos. Publica trabalhos científicos, crítica e comentário. Paralelamente, é produtor musical com criações para exposições, teatro e publicidade.

Entre o teatro e o cinema: A música de José Mário Branco no início da democracia portuguesa (1974-1982)

Sara Maia

sara.c.maia2000@gmail.com

Esta comunicação explora as atividades de José Mário Branco para além do papel de cantautor, com foco na sua produção musical para teatro e cinema nos primeiros anos de democracia em Portugal (1974-1982). Resultante de uma investigação em curso sobre o Arquivo José Mário Branco, no âmbito da bolsa «Atividade musical e redes de sociabilidade de José Mário Branco nos primeiros anos de democracia em Portugal» (UIDP/00693/2020), esta análise examina como a interligação entre música, teatro e cinema marcaram a sua trajetória artística, particularmente através de dois estudos de caso: a música no filme «A Confederação» (1977), da qual José Mário Branco é autor, e o espectáculo e posterior álbum «Ser Solidário» (1982).

Partindo inicialmente de um conjunto de bibliografia relativa às temáticas principais — o teatro e o cinema — (como, por exemplo, Brelet, 1951, Gorbman, 1987, Chion, 2011, Cruz, 2013, Cunha, 2016, Moylan, 2023, Castro, Andrade, 2024), complementei a minha metodologia de investigação com idas frequentes ao Arquivo José Mário Branco no Colégio Almada Negreiros, alicerçando ainda algumas entrevistas, realizadas entre setembro e novembro de 2024. Esta comunicação procura, assim, revelar uma faceta menos conhecida de José Mário Branco e contribuir para uma compreensão mais ampla da sua relevância artística no panorama cultural.

PALAVRAS-CHAVE

José Mário Branco; cinema; teatro; música de intervenção

Sara Maia é mestre em musicologia histórica e encontra-se a terminar a sua segunda licenciatura, em canto, na Escola Superior de Música de Lisboa, tentando conjugar a sua atividade de intérprete e musicóloga. De momento, usufrui de uma bolsa do CESEM, intitulada «Atividade musical e redes de sociabilidade de José Mário Branco nos primeiros anos de democracia em Portugal» (UIDP/00693/2020). Colabora igualmente com o MIC.PT - Centro de Informação e Investigação da Música Portuguesa. É membro fundador do agrupamento de música antiga «Altos do Bairro». Os seus interesses centram-se na programação cultural, na investigação e na educação musical para público infantil.

Orientações artísticas dos agrupamentos musicais dedicados ao repertório contemporâneo ativos em Portugal no início do século XXI: Critérios de escolha e perfis do repertório

Maria Inês Pires

inespiresax@gmail.com

Este artigo analisa as obras interpretadas por agrupamentos musicais dedicados ao repertório erudito contemporâneo em Portugal no início do século XXI, os quais desempenham um papel fundamental na criação e divulgação de novas obras, sendo, portanto, instrumentos de conhecimento do trabalho dos compositores atuais.

O estudo restringe-se a cinco grupos: Drumming GP (1999), Performa Ensemble (2006), Síntese GMC (2006), Sond'Ar-te Electric Ensemble (2007) e Ensemble DME (2013). Realizaram-se cinco entrevistas semi-estruturadas com membros dos grupos, as quais foram analisadas no software MAXQDA 24.7.0. Estas forneceram informações sobre os critérios que influenciam as escolhas de repertório, que incluem fatores criativos, artísticos e socioculturais. A subjetividade das entrevistas foi colmatada por dados provenientes de programas de concertos, redes sociais, sites e arquivos digitais que se enquadram nos fatores socioculturais também elencados pelos entrevistados.

Foi criada uma base de dados, na qual, para cada obra interpretada, foram registadas variáveis como agrupamento, ano do concerto, nacionalidade do compositor e a estreia das obras pelo grupo. Seguiu-se uma Análise de Correspondências Múltiplas articulada com uma Análise de Clusters, no software SPSS 29.0.0.0., que revelou padrões de inter-relação entre variáveis classificados em três perfis distintos de repertório. Agrupamentos como Performa Ensemble, Síntese GMC e Sond'Ar-te Electric Ensemble mostraram-se mais próximos de obras estreadas e compositores portugueses ou residentes em Portugal, com foco em um período mais recente (2015–2022). O Drumming GP, por sua vez, aproximou-se de obras de compositores estrangeiros e a um período mais antigo (1999–2006).

PALAVRAS-CHAVE

diversidade; música contemporânea; século XXI; obras musicais

Maria Inês Pires é candidata a Doutora em Ciências Musicais Históricas, na Universidade NOVA de Lisboa. Estudou com Carlos Canhoto, Marie-Bernadette Charrier e Andrés Gomis. Foi premiada no Concurso CRCB (2014), no Concurso Nacional Cabral (2014), no Concurso Internacional de Saxofone Vitor Santos (2014). Participou nos 17º, 18º, 19º Congressos Mundiais de Saxofone em Estrasburgo (2014), Zagreb (2018) e Las Palmas (2023). Estreou peças de jovens compositores portugueses no Festival Electroacústica do Mónaco (2017, 2019). Publicou no *Nova Contemporary Music Journal* (2023) e no *International Journal of Music Science, Technology and Art* (2023).

Estarão as óperas dos últimos 100 anos fadadas à ausência de público? Um estudo de quatro instituições/associações lisboetas (2011-2024)

João Figueiredo Costa

joacosta@fcsh.unl.pt

Partindo de uma afirmação de um grupo de assíduos do Teatro Nacional de São Carlos (TNSC) de que «a ópera morre com Puccini» (1858–1924), esta comunicação pretende, numa viagem de 2011 a 2024, analisar o repertório da «era» Pós-Puccini de quatro instituições/associações

lisboetas (Centro Cultural de Belém, Companhia de Ópera do Castelo, Miso Music Portugal e TNSC) e conjecturar (através da observação directa, imprensa, redes sociais e entrevistas ao público) algumas razões para as variações de público e, em certos casos, sua quase ausência. Como refere Carter (2014, 18), é necessário ter em mente que «what defines an opera as ‘opera’ can sometimes be as much about where it is done, and by and for whom». Isso significa que qualquer criação pode ser considerada ópera, desde que assim a cataloguem o seu autor, organizador ou promotor. Daí que nesta categoria se possam inserir obras estética, temática e instrumentalmente tão diversas como *Sonic Rumble with Green Mustard* (2022), em *O’Culto da Ajuda* para um percussionista, suporte digital e vídeo; *Moby-Dick* (2010), na Dallas Opera para oito solistas, coro masculino e 55 a 60 instrumentistas; e *#Capital* (2023), a primeira ópera realizada no metaverso para soprano, coreógrafa e electrónica. Por este facto, ao analisar o interesse do público a determinada ópera, é fundamental ter em conta, entre outros, o espaço de interpretação, organização, promoção, temática, autores e equipa artística.

PALAVRAS-CHAVE

ópera; Lisboa; sociologia dos públicos; pós-Puccini; século XXI

João Figueiredo Costa é doutorando em Ciências Musicais – vertente Musicologia Histórica – na NOVA FCSH, com a tese «Gostos, sociabilidades e mediações: os espetáculos de ópera em Lisboa (2011-2024)», bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia com a referência 2021.05870.BD, e produtor executivo – auxiliando a direcção artística – da Companhia de Ópera do Castelo – Associação. É ainda membro do projecto «Música, Media e Públicos em Portugal 1974-2020» e, bem como, do Núcleo de Estudos em Música na Imprensa, pertencente ao Grupo de Investigação em Teoria Crítica e Comunicação do CESEM/NOVA FCSH. Em 2023 iniciou a sua colaboração com a supramencionada associação desempenhando diversas actividades como produtor, assessor de imprensa, coordenador do coro, consultor, técnico de legendagem e tradutor.

Entre 2019 e 2021, foi bolseiro de investigação no supramencionado projecto. Em 2020 concluiu, na mesma instituição, o mestrado em Ciências Musicais com a dissertação «Os padrões de gosto musical da sociedade urbana de Évora: uma abordagem por intermédio da imprensa local (1887-1910)». As suas principais linhas de interesse centram-se no estudo da imprensa e dos sistemas produtivos e sociocomunicativos da ópera em Lisboa com especial ênfase nos seus públicos.



MESA-REDONDA

Instituições musicais em Portugal: Que presente, que futuro?

Ângela Flores Baltazar, João Figueiredo Costa, Paula Gomes-Ribeiro (mod.), Rui Magno Pinto

Esta mesa redonda propõe um debate crítico sobre o papel das instituições de disseminação musical no país, refletindo sobre o seu impacto na exposição, preservação, e circulação de repertório. Num contexto de intensos desafios, em que as instituições culturais enfrentam questões ligadas à sustentabilidade financeira, à renovação de públicos e à redefinição da sua missão patrimonial, pretendem-se discutir alguns dos modelos adoptados para equilibrar a preservação da memória musical com a inovação artística e a adaptação às novas realidades socioculturais e geopolíticas. Será tido em conta o impacto da digitalização e da crescente oferta musical no ecossistema digital, questionando até que ponto os projetos e modelos em curso conseguem manter a sua relevância e responder aos novos padrões de consumo e participação musical.